

Mal-estar na nostalgia*

Nostalgia and its discontents

Svetlana Boym**

O século XX se iniciou com utopia e terminou em nostalgia. A crença otimista no futuro tornou-se obsoleta, enquanto a nostalgia, para o bem ou para o mal, nunca saiu de moda, permanecendo estranhamente contemporânea. A palavra nostalgia advém de duas raízes gregas, *nostos* que significa “voltar à casa” e *algia*, anseio. Eu a definiria como um desejo por um lar que não existe mais ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia. O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento à distância. A exposição dupla ou a sobreposição de duas imagens – da terra natal e da estrangeira, do passado e do presente, do sonho e da vida cotidiana – é uma boa imagem cinematográfica da nostalgia. No momento em que tentamos encaixá-las em uma única imagem, ela rompe o quadro ou queima a película.

A palavra nostalgia, a despeito de suas raízes gregas, não teve origem na Grécia antiga. Nostalgia é apenas falsamente grega, ou nostálgicamente grega. A palavra foi forjada pelo ambicioso erudito suíço Johanes Hofer em sua tese de medicina de 1688 (Hofer também sugeria as alternativas *nosomania* ou *philopatridomania* para descrever os mesmos sintomas; felizmente, estas não lograram entrar na linguagem comum). Contrariamente à nossa intuição, nostalgia veio da medicina, não da poesia ou da política. Não nos ocorreria pedir uma receita médica para nostalgia. Ainda no século XVII, a nostalgia era considerada uma doença curável, semelhante a uma severa gripe comum. Médicos suíços acreditavam que ópio, sanguessugas e uma viagem aos Alpes suíços curariam os sintomas nostálgicos.

Entre as primeiras vítimas da doença recentemente diagnosticada encontravam-se vários desterrados do século XVII: jovens amantes da liberdade da República de Berna estudando na Basileia, empregados domésticos e ajudantes trabalhando na França e na Alemanha, e soldados suíços lutando no estrangeiro. A epidemia de nostalgia foi acompanhada por uma epidemia ainda

153

* Este ensaio é uma adaptação do meu livro *The Future of Nostalgia* (2001), o qual inclui uma discussão mais aprofundada deste tópico. (O ensaio foi publicado originalmente no *The Hedgehog Review*, v. 9, n. 2, sum. 2007; os tradutores Marcelo Santos de Abreu e André de Lemos Freixo agradecem ao professor David Damrosch, executor literário de Svetlana Boym, pela autorização para publicação desta tradução. NTs).

** Svetlana Boym (1966-2015) foi Professora Curt Hugo Reisinger de Linguagens e Literaturas Eslavas e de Literatura Comparada na Universidade de Harvard. Seus principais livros acadêmicos são *Death in Quotation Marks: Cultural Myths of the Modern Poet* (1991), *Common Places: Mythologies of Everyday Life in Russia* (1994), *The Future of Nostalgia* (2001) e *Kosmos: Remembrances of the Future* (com Adam Bartos, 2001). Escreveu também um romance, *Ninotchka* (2003). Ela também escreveu muitos artigos sobre criatividade e exílio, poesia e política, cultura contemporânea, utopia e *kitsch*, e memória e modernidade.

mais perigosa de “nostalgia fingida”, particularmente entre soldados cansados de servir no exterior.¹

A nostalgia que me interessa aqui não é meramente uma doença individual, mas sim um sintoma de nossa época, uma emoção histórica. Portanto, farei três observações cruciais. Primeiro, a nostalgia não é anti-moderna; ela não é necessariamente oposta à modernidade, mas sim contemporânea a ela. Nostalgia e progresso são como Jekyll e Hyde: pares e imagens espelhadas um do outro. A nostalgia não é apenas uma expressão de saudade local, mas resultado de uma nova compreensão do tempo e do espaço que faz a divisão entre local e universal possível.

Segundo, nostalgia parece ser a saudade de um lugar, mas é na realidade um anseio por um tempo diferente – o tempo de nossa infância, dos ritmos mais lentos de nossos sonhos. Em um sentido ainda mais amplo, a nostalgia é uma revolta contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso. Os desejos nostálgicos de transformar a história em uma mitologia individual ou coletiva, de revistar os tempos como espaço, recusando render-se à irreversibilidade do tempo que atormenta a condição humana. Assim, o passado da nostalgia, parafraseando William Faulkner, não é sequer passado. Pode ser apenas um tempo melhor, ou um tempo mais lento – tempo fora do tempo, não sobrecarregado por agendas repletas de compromissos.

Terceiro, a nostalgia, a meu ver, nem sempre é retrospectiva; pode ser igualmente prospectiva. As fantasias sobre o passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro. A consideração do futuro nos faz assumir a responsabilidade por nossas fábulas nostálgicas. Diferentemente da melancolia, que se restringe aos planos da consciência individual, a nostalgia trata das relações entre a biografia individual e a biografia de grupos ou nações, entre as memórias pessoal e coletiva. Se as utopias futuristas podem estar fora de moda, a nostalgia tem uma dimensão utópica – que apenas não é mais dirigida ao futuro. Algumas vezes, nem sequer é diretamente dirigida ao passado, mas sim tangencialmente. O nostálgico sente-se sufocado dentro dos limites convencionais de tempo e espaço.

Na verdade, há uma tradição da reflexão crítica sobre a condição moderna que incorpora a nostalgia. Ela pode ser chamada *off-moderna*. O prefixo *off*² confunde

¹ Hofer (1934, p. 381) acreditava que seria possível “definir a partir da força de uma forte nostalgia o triste clima que se origina do desejo de retornar a sua terra natal”. Hofer reconhecia que “helvéticos brilhantes” desenvolveram um termo vernáculo para “a aflição pela perda dos encantos da terra natal”, *das Heimweh*, e os aflitos gauleses (os franceses) usavam o termo *la Maladie du Pays* (HOFER 1934, p. 380). Mas Hofer foi o primeiro a apresentar detalhada discussão científica para a doença. Para uma história da nostalgia, ver Jean Starobinski (1966, p. 81-103); Fritz Ernst, *Vom Heimweh* (1949); e George Rosen (1975, p. 28-51). Para abordagens psicológicas e psicanalíticas da nostalgia, ver James Phillips (1985, p. 64-75); Willis H. McCann (1943, p. 97-104); Roderick Peters (1985, p. 135-48). Para um estudo muito interessante da sociologia da nostalgia que a examina enquanto “emoção social” e sugere o exame de três ordens ascendentes de nostalgia, ver Fred Davis (1979).

² Uma tradução possível para *off-modern* seria extra-moderno; mas o prefixo latino não tem o mesmo sentido do que o advérbio *off* tem no inglês; o prefixo extra pode designar algo como alternativo ou fora de um curso determinado, isto é, alternativo a uma visão normativa da modernidade. *Off* porém captura melhor a possibilidade de paralelismo, de simultaneidade de movimentos que são modernos, mas não podem ser reduzidos a uma forma do ser moderno – aquela que normalmente se confunde com a modernidade europeia ocidental sobretudo. Decidimos acompanhar a solução adotada pelo tradutor espanhol. Sobre a ideia de modernidades alternativas, que se adequa nesse trecho ao que a autora diz, ver Eisenstadt (2000); e Gaonkar (2001). Ainda sobre a ideia de *off-modernism* pode-se consultar o manifesto da autora respeito da condição

nosso sentido de direção. Faz-nos explorar atalhos e becos em vez da estrada reta do progresso; permite-nos tomar um desvio na narrativa determinista da história. O *off-modernismo* apresenta simultaneamente uma crítica da fascinação moderna com a novidade e a não menos moderna reinvenção da tradição. Na tradição *off-moderna*, reflexão e saudade, estranhamento e simpatia, andam juntas. Além disso, para alguns dos *off-modernismos* do século XX que vieram de tradições consideradas marginais ou provincianas com relação às tendências culturais dominantes (do Leste Europeu à América Latina), assim como para muitos povos desterrados em todo o mundo, repensar criativamente a nostalgia não foi apenas um exercício artístico, mas uma estratégia de sobrevivência, uma forma de tornar razoável a impossibilidade de um retorno ao lar.

Os historiadores frequentemente consideram nostalgia uma palavra negativa ou, na melhor das hipóteses, um simpático insulto. "A nostalgia está para a saudade como o kitsch está para a arte", escreveu Charles Maier (MAIER 1999, p. 273). Frequentemente, a palavra é usada de forma desdenhosa. "A nostalgia... é essencialmente história sem culpa. O patrimônio é algo que nos enche de orgulho em vez de vergonha", disse Michael Kammen (KAMMEN 1991, p. 688). Nessa compreensão, a nostalgia é vista como uma abdicação da responsabilidade pessoal, um retorno ao lar livre de culpa, uma falha ética e estética. A nostalgia produz visões subjetivas da imaginação atormentada que tende a colonizar os domínios da política, da história e da percepção cotidiana.

A nostalgia moderna é paradoxal no sentido de que a universalidade de sua saudade pode aumentar nossa empatia pelos seres humanos, e ainda assim, quando tentamos reparar essa saudade com um pertencimento particular – ou a apreensão da perda com a redescoberta da identidade e, particularmente, de uma comunidade nacional e pátria pura e única – nós frequentemente nos distanciamos de outros e encerramos o entendimento mútuo. *Algia* (saudade) é o que partilhamos, e *nostos* (ou a volta para casa) é o que nos divide. A promessa de reconstruir o lar ideal repousa no cerne de muitas ideologias poderosas hoje em dia, tentando-nos a trocar o pensamento crítico por laços emocionais. O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o verdadeiro lar com aquele imaginado. Em casos extremos ela pode criar uma terra natal fantasma, em nome da qual alguém está pronto a morrer ou a matar. A nostalgia irrefletida pode gerar monstros. Contudo, o sentimento propriamente, a dor do deslocamento e da irreversibilidade temporal, está no cerne mesmo da condição moderna. Ao reclamar uma pátria pura e limpa, a política da nostalgia comumente produz um híbrido "glocal" de capitalismo e fundamentalismo religioso ou de estado corporativo e patriotismo eurásico. A mistura de nostalgia e política pode ser explosiva.

O sedutor objeto da nostalgia é notoriamente elusivo. O sentimento ambivalente permeia a cultura popular na qual os avanços tecnológicos e efeitos especiais são frequentemente usados para recriar visões do passado,

do naufrágio do Titanic aos gladiadores morrendo na arena, passando pelos dinossauros extintos. Enquanto muitos pensadores do século XIX acreditavam que o progresso e o esclarecimento curariam a nostalgia, eles ao contrário, a exacerbaram. A tecnologia, que prometera superar o deslocamento e a distância modernos e fornecer a miraculosa prótese para as agruras nostálgicas, tornou-se mais rápida que o desejo nostálgico. Mais exatamente, tecnologia e nostalgia tornaram-se codependentes: a nova tecnologia e a propaganda estimularam a nostalgia artificial – pelas coisas que nunca pensávamos perdidas – e a nostalgia antecipatória – pelo presente que foge na velocidade de um *click*. De forma semelhante, a globalização encoraja fortes laços locais. Em contrapartida à nossa fascinação com o ciberespaço e pela aldeia global virtual, há uma epidemia global de nostalgia, e um anseio efetivo por uma comunidade com uma memória coletiva, um desejo de continuidade em um mundo fragmentado. A nostalgia reaparece inevitavelmente como um mecanismo de defesa em um tempo de mudanças históricas drásticas e ritmos acelerados de vida. Mas esse mecanismo de defesa tem seus próprios efeitos colaterais.

156

Surtos de nostalgia se seguem frequentemente às revoluções; a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Russa e as revoluções de “Veludo” no Leste Europeu foram acompanhadas por manifestações políticas e culturais de saudade. Na França, não foi apenas o Antigo Regime que produziu a revolução, mas, em algum sentido, a revolução que produziu o Antigo Regime, conferindo-lhe uma forma, um encerramento e uma aura dourada. De forma semelhante, a época revolucionária da Perestroika e o fim da União Soviética produziram uma imagem das últimas décadas do regime soviético como um tempo de estagnação ou, ao contrário, como uma Idade de Ouro soviética de estabilidade, força e normalidade – a visão que prevaleceu na Rússia por volta do ano 2000. Porém, a nostalgia que analiso aqui nem sempre é pelo Antigo Regime, pela estabilidade da superpotência ou por um império derrubado, mas também pelos sonhos não realizados do passado e visões do futuro que se tornaram obsoletas. Uma história da nostalgia poderia nos permitir rever a história moderna não buscando apenas a novidade e o progresso tecnológico, mas também por possibilidades não realizadas, viradas imprevistas e encruzilhadas.

Dinheiro e cultura popular são as moedas mais comuns do globalismo exportado para todo mundo. A nostalgia também é uma característica da cultura global, mas ela requer uma moeda diferente. Afinal, as palavras-chaves a definir o globalismo – progresso, modernidade e realidade virtual – foram inventadas por poetas e filósofos: “progresso” foi cunhada por Immanuel Kant; o substantivo “modernidade” é uma criação de Charles Baudelaire; e “realidade virtual” foi primeiramente imaginada por Henri Bergson, não por Bill Gates. Na definição de Bergson, no entanto, “realidade virtual” se referia aos planos de consciência, dimensões potenciais do tempo e da criatividade que são própria e unicamente humanas. Quando os médicos do século XVIII falhavam em revelar o *locus* da nostalgia, eles recomendavam buscar a ajuda de poetas e filósofos. A nostalgia se expressa por enigmas e charadas, e deve-se enfrentá-las a fim de não se tornar sua próxima vítima ou o próximo algoz.

O estudo da nostalgia não pertence a nenhuma disciplina particular; ela frustra psicólogos, sociólogos, teóricos literários e filósofos – até os analistas de sistemas que pensavam ter se livrado dela inteiramente, até que também se refugiaram em suas *home pages* e no vocabulário ciber-bucólico da aldeia global. A absoluta superabundância de produtos nostálgicos comercializados pela indústria do entretenimento, *ready-mades* atraentes em sua maioria, refletem o medo de uma saudade irrefreável e do tempo não comercializável. A supersaturação, nesse caso, enfatiza a instabilidade fundamental da nostalgia. Com o decréscimo do papel da arte nas sociedades ocidentais, a exploração autoconsciente da saudade – sem paliativos improvisados e edulcorados – evanesceu significativamente.

Nos velhos e bons tempos, a nostalgia era uma doença curável, perigosa, mas nem sempre letal. Sanguessugas, emulsões hipnóticas quentes, ópio ou uma viagem aos Alpes normalmente aliviavam os sintomas, mas nada comparado ao retorno à terra natal, o que se acreditava ser o melhor remédio para a nostalgia. Ao propor o tratamento para a doença, Hofer parecia orgulhoso de alguns de seus pacientes; para ele, a nostalgia era uma demonstração do patriotismo de seus concidadãos que amavam o charme de sua terra natal ao ponto de adoecerem. O surto de nostalgia simultaneamente reforçava e desafiava a concepção emergente de patriotismo e espírito nacional. Inicialmente, não ficava claro o que deveria ser feito com os soldados adoecidos durante as campanhas no exterior que amavam tanto sua terra natal que nunca desejaram deixá-la, ou, por esse motivo, morrer por ela. Quando a epidemia de nostalgia se espalhou além da guarnição suíça, um tratamento mais radical foi iniciado. Durante a Revolução Francesa de 1789, o médico francês Jourdain Le Cointe sugeriu que a nostalgia deveria ser curada infringindo dor e terror. Como evidência científica, ele apresentou um relato de um tratamento drástico levado a cabo com sucesso pelos russos. Em 1733, o exército russo foi tomado por nostalgia enquanto se arriscava na Alemanha, tornando a situação tão crítica que o general foi levado a encontrar um tratamento radical para o vírus nostálgico. Ele ameaçou dizendo que “o primeiro a adoecer seria enterrado vivo”. O que era como a tradução literal de uma metáfora, uma vez que a vida em um país estrangeiro se parecia bastante com a morte. Há registros de que a punição foi efetivada em duas ou três ocasiões, o que felizmente curou o exército russo de reclamações de nostalgia (STAROBINSKI 1790, p. 96).³ (Não espanta que a saudade tenha se tornado uma parte tão importante da identidade nacional russa).

Como epidemia pública, a nostalgia se baseava em um senso de perda não limitado à história pessoal. Não era necessariamente uma perda que fosse prontamente lembrada, e tampouco que alguém soubesse necessariamente por onde procurar o que se perdeu. A nostalgia tornou-se cada vez menos curável. Ao final do século XVIII, os médicos descobriram que voltar ao lar nem sempre curava os sintomas. Na verdade, uma vez em casa, os pacientes morriam frequentemente. Por vezes, o objeto da saudade migrava para terras distantes

³ A referência advém do Dr. Jourdain Le Cointe (1970).

muito além dos limites da terra natal. Assim como hoje os geneticistas esperam identificar genes específicos para certas condições médicas, comportamentos sociais e até orientação sexual, os médicos dos séculos XVIII e XIX buscavam a medula da patologia nostálgica. No entanto, eles falharam ao procurar o lugar da nostalgia nas mentes e corpos de seus pacientes. Um médico argumentou que a nostalgia era uma hipocondria cardíaca que se desenvolve nos seus sintomas. De um mal tratável, a nostalgia tornou-se uma doença incurável. Um mal-estar provinciano, *maladie du pays*, tornou-se uma doença da era moderna, *mal du siècle*.

Minha hipótese é que a propagação da nostalgia ligava-se não somente ao deslocamento no espaço, mas também à mudança na concepção do tempo. A nostalgia foi diagnosticada em um tempo no qual arte e ciência ainda não haviam cortado inteiramente seus cordões umbilicais e quando mente e corpo – saúde interna e externa – eram tratados simultaneamente. Este era um diagnóstico de uma ciência poética, mas não devemos sorrir condescendentemente para os diligentes médicos suíços. Nossos descendentes poderão poetizar a depressão e vê-la como uma metáfora para uma condição atmosférica global imune ao tratamento com Prozac. A nostalgia moderna é o luto pela impossibilidade do retorno mítico, pela perda de um “mundo encantado” com limites e valores claros. Ela pode ser uma expressão secular de um desejo espiritual pela unidade edênica do tempo e espaço antes da entrada na história. O nostálgico está em busca de um destinatário espiritual. Defrontando-se com o silêncio, ele procura por sinais memoráveis, mal interpretando-os desesperadamente.

158

Em resposta ao Iluminismo, com sua ênfase na universalidade da razão, os românticos começaram a celebrar os particularismos do sentimento. A saudade de casa tornou-se um tropo central do “nacionalismo romântico” (HERDER 1972, p. 229-30). Não é surpreendente que, em vez de dentro dela, a consciência nacional desenvolver-se fora da comunidade. O nostálgico nunca é um nativo, mas sim um desterrado que faz a mediação entre o local e o universal. Muitas línguas nacionais, graças à apaixonada lembrança de Herder, tinham sua própria palavra para o anseio patriótico. Curiosamente, intelectuais e poetas de diferentes tradições nacionais começaram a afirmar que possuíam uma expressão especial para a saudade de casa que era radicalmente intraduzível: os portugueses tinham sua *saudade*, os russos, *toska*, os tchecos, *litost'*, os romenos, *dor* – para não falar da alemã *Heimweh* e a espanhola *mal de corazon*. Todas essas intraduzíveis palavras da singularidade nacional revelaram-se sintomas da mesma emoção histórica. Enquanto os detalhes e sabores diferem, a gramática das nostalgias românticas é bastante similar em todo o mundo. “Sinto saudade, logo existo” era o lema romântico.

A nostalgia como emoção histórica apareceu durante o romantismo e é contemporânea ao nascimento da cultura de massa. Na metade do século XIX, a nostalgia institucionalizou-se em museus nacionais e provinciais, instituições patrimoniais e monumentos urbanos. O passado não era mais desconhecido ou desconhecível. O passado tornou-se “patrimônio”. O ritmo acelerado da industrialização e modernização aumentou a intensidade do desejo popular

por ritmos mais lentos do passado, por coesão social e tradição. Porém, essa obsessão com o passado revelou um abismo de esquecimento e acabou surtindo efeito inverso à sua própria preservação. Como sugeriu Pierre Nora, lugares de memória, ou *lieux de memoire*, são institucionalmente criados quando os meios de memória, os *milieux de memoire*, desaparecem (NORA 1989, p. 7-24). É como se o ritual comemorativo pudesse ajudar a compensar a irreversibilidade do tempo.

No lugar de uma cura mágica para a nostalgia, apresentarei uma tipologia que pode esclarecer alguns mecanismos de sedução e manipulação da nostalgia. Diferencio dois tipos básicos de nostalgia: a restauradora e a reflexiva. A nostalgia restauradora enfatiza o *nostos* (casa) e enceta uma reconstrução transhistórica da terra perdida. A nostalgia reflexiva se desenvolve com a *algia* (o próprio anseio) e posterga o retorno à casa – melancolicamente, ironicamente, desesperadamente. Essas distinções não são absolutos binários e pode-se fazer certamente um mapeamento mais refinado das zonas cinzentas nos arredores das terras natais imaginadas. Desejo identificar as principais tendências e estruturas narrativas da trama nostálgica na produção de sentido para anseios e perdas que se pode ter. A nostalgia restauradora não se percebe como nostalgia, mas antes como verdade e tradição. A nostalgia reflexiva reside na ambivalência do pertencimento e saudade humanos e não se desvia das contradições da modernidade. A nostalgia restauradora protege a verdade absoluta ao passo que a nostalgia reflexiva a coloca em dúvida.

A nostalgia restauradora está no cerne do reavivamento nacional e religioso recentes. Ela apresenta dois enredos principais – o retorno às origens e a conspiração. A nostalgia reflexiva não segue uma trama única, mas sim explora formas de ocupar muitos lugares simultaneamente e de imaginar diferentes fusos horários. Ama os detalhes, não os símbolos. Na melhor das hipóteses, ela pode apresentar desafios criativos e éticos, não apenas de pretexto para melancolias noturnas. Esta tipificação da nostalgia permite-me distinguir entre, por um lado, a memória nacional baseada em uma única versão da identidade nacional e, por outro, a memória social, que consiste em quadros coletivos que marcam, mas não definem, a memória individual. A retórica da nostalgia restauradora não trata do “passado”, mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade. A retórica da nostalgia reflexiva trata de viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz.

Para compreender a nostalgia restauradora é importante distinguir entre os hábitos do passado e os hábitos de *restauração* do passado. Eric Hobsbawm diferencia o velho “costume” e as tradições inventadas do século XIX (HOBSBAWM 1983, p. 2). As novas tradições se caracterizam por um grau de formalização simbólica e ritualização mais elevados do que eram os autênticos costumes e convenções camponesas a partir dos quais foram forjadas. Há dois paradoxos, portanto. Primeiro, quanto mais rápidos e devastadores os ritmos e escalas da modernização, tanto mais conservadoras e imutáveis tendem a ser as novas tradições. Segundo, quanto mais decisiva a retórica de continuidade com o passado histórico e a ênfase em valores tradicionais, tanto mais o passado é

comumente apresentado de forma seletiva. “A inovação” da tradição inventada é “não se tornar menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade” (HOBSBAWN 1983, p. 5). Obviamente, a tradição inventada não significa uma criação *ex nihilo* ou um puro ato de construtivismo social. Ela se baseia no sentimento de perda da comunidade e de coesão e apresenta um modelo coletivo confortante para a saudade individual.

Há uma percepção de que, com a industrialização e secularização da sociedade iniciada no século XIX, um vazio de significado social e espiritual foi aberto. O que é necessário é uma transformação secular da “fatalidade em continuidade, da contingência em sentido” (ANDERSON 1991, p. 11). Mas essa transformação pode tomar caminhos diferentes. Ela pode aumentar as possibilidades de emancipação e as escolhas individuais, apresentando múltiplas “comunidades imaginadas” e meios de pertencimento, os quais não são exclusivamente sustentados em princípios étnicos ou nacionais. Ela pode também ser manipulada politicamente através de novas recriações de práticas comemorativas nacionais com o fim de restabelecer a coesão social, um sentimento de segurança e uma relação de obediência com a autoridade.

A nostalgia restauradora se caracteriza por duas tramas principais: a restauração das origens e a teoria da conspiração. A visão de mundo conspiratória reflete a nostalgia por uma cosmologia transcendental e uma concepção pré-moderna simples do bem e do mal. Essa visão de mundo se baseia em um enredo transistórico único, um confronto maniqueísta entre o bem e o mal e a inevitável expiação do inimigo mítico. A ambivalência, a complexidade da história, a variedade de evidências contraditórias e a especificidade das circunstâncias modernas são assim apagadas, e a história moderna é vista como a realização de uma antiga profecia. Adeptos extremistas da teoria da conspiração imaginam que a casa está sempre sob cerco, exigindo a defesa contra o inimigo conspirador.

Restaurar (de *re-staurare*, re-estabelecer) significa um retorno à harmonia original, ao momento anterior ao momento edênico. Enquanto a nostalgia restauradora retorna e reconstrói uma terra natal com determinação paranoica, a nostalgia reflexiva teme o retorno com a mesma intensidade. Em vez de recriar a da pátria perdida, a nostalgia reflexiva pode desenvolver a criação da individualidade estética.

A nostalgia reflexiva se preocupa com o tempo histórico e individual, com a irrevogabilidade do passado e da finitude humana. Re-flexão significa nova flexibilidade, não o restabelecimento da harmonia. O foco aqui não repousa sobre a recuperação daquilo que se percebe como a verdade absoluta, mas com a consideração sobre a história e a passagem do tempo. Nostálgicos desse tipo são, frequentemente, nas palavras de Vladimir Nabokov: “amantes do Tempo, apreciadores da duração”,⁴ que resistem às pressões externas por eficiência e experimentam o prazer sensível na tessitura do tempo não mensurável por relógios e calendários (NABOKOV 1990, p. 185).

⁴ No original, lê-se: “amateurs of Time, epicures of duration” (NTs).

As nostalgias restauradora e reflexiva podem ter sobrepostos seus quadros de referência, porém nunca coincidem nas suas narrativas e tramas identitárias. Em outras palavras, podem usar os mesmos símbolos e disparadores da memória, a mesma *madaleine* proustiana, mas contam histórias diferentes sobre ela. A nostalgia do primeiro tipo inclina-se para a cultura oral e símbolos pictóricos coletivos. A nostalgia do segundo tipo é mais orientada para uma narrativa individual que valoriza detalhes e signos da memória, ainda que perpetuamente suspenda a verdadeira volta à casa. Se a nostalgia restauradora termina por reconstruir emblemas e rituais sobre a casa e a pátria numa tentativa de domesticar e espacializar o tempo, a nostalgia reflexiva valoriza fragmentos esparsos da memória e temporaliza o espaço. A nostalgia restauradora leva-se muito à sério; a nostalgia reflexiva, ao contrário, pode ser irônica e bem-humorada. Ela revela que a saudade e o pensamento crítico não se opõem, assim como as memórias afetivas não nos impedem de ter compaixão, emitir um juízo ou reflexão crítica.

A nostalgia reflexiva não finge reconstruir o espaço mítico chamado lar; ela é “enamorada da distância, não do próprio referente” (STEWART 1984, p. 145). Esse tipo de narrativa nostálgica é irônica, inconclusiva e fragmentária. Os nostálgicos do segundo tipo conhecem a distância entre identidade e semelhança; a casa está em ruínas ou, ao contrário, acaba de ser reformada e gentrificada além da possibilidade de ser reconhecida. É precisamente essa desfamiliarização e sentido de distância que os impele a contar sua história, a narrar a relação entre passado, presente e futuro. Através dessa saudade, descobrem que o passado não é aquilo que não existe mais, mas, para citar Bergson (1988, p. 240), o passado é algo que “pode atuar e atuará ao inserir-se numa sensação presente da qual retira sua vitalidade”. O passado não é feito à imagem do presente ou visto como presságio de algum desastre presente; ao contrário, é uma miríade de potencialidades que o passado abre, possibilidades não teleológicas de desenvolvimento histórico. Não necessitamos de um computador para acessar as virtualidades de nossa imaginação: a nostalgia reflexiva abre múltiplos planos de consciência. Para Marcel Proust, a lembrança é uma aventura imprevisível na percepção sincrética, quando palavras e sensações tácticas se sobrepõem. Nomes de lugares abrem mapas mentais e o espaço desdobra-se em tempo. “A recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugidios, infelizmente, como os anos”, escreve Proust ao final de *No Caminho de Swan* (PROUST 1989, p. 462). Portanto, é essa memorável evasão literária que importa e não a volta para casa.

No século XXI, milhões de pessoas se encontram desterradas, vivendo voluntária ou involuntariamente no exílio. Histórias de imigrantes constituem as melhores narrativas da nostalgia – não apenas porque sofrem de nostalgia, mas também porque a desafiam. Essas histórias frequentemente enquadradas como projeções para a nostalgia dos outros que falam a partir de um lugar muito mais seguro. Imigrantes compreendem os limites da nostalgia e a ternura do que chamo de “intimidade diaspórica”, a qual valoriza afinidades eletivas,

estrangeiras.⁵ A intimidade diaspórica não se opõe à desfamiliarização ou desenraizamento embora seja constituída por estes. Tem-se falado tanto do feliz retorno à terra natal/casa que é hora de fazer justiça às histórias do não retornar e do enaltecimento relutante do exílio. No caso de alguns escritores e artistas exilados, não retornar para casa transforma-se em força artística central, uma vida caseira feita no texto e em obras de arte, bem como em estratégia de sobrevivência. Exilados comuns frequentemente se tornam artistas na vida que reconstróem a si mesmos e a sua segunda casa com grande engenhosidade. A impossibilidade de voltar para casa é, simultaneamente, uma tragédia pessoal e uma força poderosa. O que não significa que a nostalgia não exista nestes casos, apenas que esse tipo de nostalgia previne a restauração do passado. A intimidade diaspórica não garante uma fusão emocional imediata, apenas uma afeição precária – não menos profunda, ainda que consciente de sua transitoriedade.

162

As construções e reconstruções arquitetônicas contemporâneas apresentam diferentes encarnações materiais da nostalgia. Na Moscou pós-soviética, o começo da virada nostálgica na esfera pública foi marcado pela reconstrução da Catedral de Cristo Salvador (1994-1997), que fora brutalmente destruída na década de 1930. O promissor debate inicial sobre as possibilidades arquitetônicas para o lugar, o qual inspirou diversos projetos grandiosos e muita destruição, encerrou-se com a edificação em concreto de uma réplica exata da catedral e o apagamento de todas as controvertidas memórias políticas e arquitetônicas relacionadas ao lugar. De forma semelhante, nos territórios da antiga Iugoslávia, encontramos velhas igrejas e mesquitas arruinadas enquanto novas e imensas catedrais e mesquitas são construídas fora dos centros urbanos que foram historicamente espaços multiétnicos. Se globais no estilo e no financiamento, elas afirmam, contudo, identidades étnicas e religiosas locais frequentemente imaginadas no estrangeiro – exemplos de nostalgia restauradora que vão além e, comumente, contra a restauração de tecidos urbanos etnicamente integrados ainda existentes. Por outro lado, a nostalgia reflexiva nos domínios da arquitetura valoriza um certo tipo de “ruinofilia” na esfera pública, um tipo de amor e tolerância por ruínas modernas que mantêm vivas memórias da destruição e de múltiplas histórias controversas, de temporalidades coexistentes. Inúmeros edifícios contemporâneos – desde os *Tate Modern* até projetos menores de arquitetura efêmera e de transição – incorporaram e preservam ruínas industriais, reabitando-as e reciclando-as criativamente. As ruínas da modernidade apontam tanto para os enganos da tecnologia moderna quanto para os da teleologia, nos lembrando de nosso mundanismo e história material comuns.

A primeira década do século XXI não é caracterizada pela busca por novidades, mas pela proliferação de nostalgias que estão frequentemente em desacordo entre si. Nostálgicos cyberpunk e hippies nostálgicos, nacionalistas nostálgicos e nostálgicos cosmopolitas, ambientalistas nostálgicos e metrófilos (amantes da cidade) nostálgicos trocam candentes farpas virtuais na blogosfera.

⁵ Ver “intimacy”, *American Heritage Dictionary* (1982, p. 672).

A nostalgia, como a globalização, existe no plural. Estudar a sociologia, a política e a etnografia da nostalgia, suas micropráticas e meganarrativas, permanece tão urgente quanto sempre foi. É sempre importante levantar a questão: quem está falando em nome da nostalgia? Quem é seu ventríloquo? A nostalgia do século XXI, como sua contraparte seiscentista, produz epidemias de nostalgia fingida. Por exemplo, o problema com a nostalgia no Leste Europeu é que ela parece muito mais ubíqua do que realmente é. Isso pode parecer contra-intuitivo. Europeus ocidentais com frequência projetam nostalgia sobre o Leste Europeu como meio de legitimar o suposto "atraso" deste último e não confrontar as diferenças em sua própria história cultural.

Um exemplo sintomático foi o sucesso do filme *Adeus Lênin!*, que fala sobre os paradoxos da *ost-algia*⁶ na Alemanha e se empenhou em um amplo apelo nostálgico. *Adeus Lênin!* tinha uma concepção bem-humorada: uma devotada alemã oriental, que personifica os sonhos do regime de Honecker, tem um acidente grave e permanece em coma enquanto o Muro desmorona. Quando ela acorda, seus queridos filhos trabalham duro para preservar completamente sua ilusão nostálgica, desde os desaparecidos pickles da Alemanha oriental até as reportagens de televisão censuradas. Aos olhos dos antigos "ossies", *Adeus Lênin!* foi o trabalho de diretores "wessie" que tentavam imaginar e empacotar *ost-algia* de seus concidadãos extramuros. A *ost-algia* do filme é uma *joint venture*: ela mescla sonhos ocidentais da terceira via e mitologias orientais do cosmos. O desejo mimético pelas nostalgias dos outros vai além do Ocidente-Oriente europeu: europeus e americanos, em geral conscientes de seu desejo mais ou menos genuíno de compreender o "outro" oriental, transformaram o sonho do multiculturalismo em um exotismo reverso. Eles exageraram na alteridade do outro, preservando a diferença nostálgica enquanto esqueceram as diferenças internas às culturas estrangeiras e suas formas de autoritarismo e manipulação midiática. Se uma questão de mágoas passadas ou autoafirmação atual, deve-se sempre reconhecer a modernidade do outro, o mundo compartilhado de tradições reinventadas e os transnacionais sonhos individuais por reforma e melhorias. Enquanto a estória que os nostálgicos contam é uma volta ao lar localista, a forma desta estória dificilmente é local. Nostalgias contemporâneas podem ser entendidas como séries de enredos interculturais que migram, estendendo-se para além das fronteiras nacionais.⁷

⁶ O neologismo *ost-algia* é a tradução para a palavra alemã "Ostalgie", que designa a nostalgia pela vida na antiga Alemanha Oriental, resulta da junção das palavras Ost (leste) e Nostalgie (nostalgia). Assim também *ossie* (que vem de Ost) designava na linguagem cotidiana e algo jocosa os habitantes do lado oriental, tendo por contraparte *wessie* (de West), os habitantes do lado ocidental da Alemanha (NTs).

⁷ A Nostalgia tende a colonizar a política e a história. Como a imaginação conspiratória, o ponto de vista nostálgico não nos permite ver nada além da nostalgia. Reiteradamente, a nostalgia restaurativa relaciona-se de perto com a política. Na imprensa de hoje, com frequência, qualquer um encontra referências à nostalgia da Guerra Fria quando debatendo a situação da Rússia contemporânea. Paradoxalmente, é exatamente o mesmo medo de cair nas narrativas da Guerra Fria que deferiu as discussões das mudanças políticas na Rússia e da notável persistência política do antigo aparato de estado soviético em suas novas vestes. A economia de livre mercado provou não ser nenhuma panaceia para a mudança democrática; muitas instituições democráticas e canais de imprensa não estatal foram fechados na Rússia de Putin sob pretextos econômicos como o da "disputa entre parceiros de negócios". A esta altura já é óbvio que a economia capitalista consegue conviver pacificamente com o estado autoritário e sua ideologia nacionalista nostálgica. Para compreender a situação da Rússia, não se pode mais permanecer ao nível da representação cultural; precisa-se observar a política. Nostalgia restaurativa é com frequência patrocinada de cima, contudo, é populista, por mais familiar e "popular" que aparente ser.

Concluindo, não há muita novidade sobre a nostalgia contemporânea. Ao contrário do que diz a grande atriz Simone Signoret, que intitulou sua biografia *Nostalgia Isn't What It Used to Be (A nostalgia não é mais o que costumava ser)*, a estrutura da nostalgia ainda é, em muitos sentidos, aquilo que costumava ser, a despeito das mudanças de moda e avanços na tecnologia digital. Ao fim, o único antídoto para a ditadura da nostalgia talvez seja a dissidência nostálgica. A nostalgia pode ser uma criação poética, um mecanismo individual de sobrevivência, uma prática da contracultura, um veneno, ou uma cura. É de nossa alçada assumir responsabilidade pela nossa nostalgia e não deixar que os outros a “pré-fabriquem” para nós. O “passado usável” pré-embalado pode não ser útil para nós se quisermos criar conjuntamente nosso futuro. Talvez, sonhos de terras natais imaginadas não possam e não devam ganhar vida. Às vezes é preferível (pelo menos, na perspectiva desta nostálgica autora) deixar os sonhos quietos, que eles não sejam nem mais nem menos do que sonhos, e não os parâmetros para o futuro. Enquanto a nostalgia restauradora retorna e reconstrói a terra natal de alguém com determinação paranoica, a nostalgia reflexiva teme retornar com a mesma paixão. O lar, finalmente, não é um condomínio fechado. O paraíso na Terra pode se mostrar como outra vila Potemkin⁸ sem nenhuma saída. O imperativo da nostalgia contemporânea é estar saudoso da casa e enfastiado da mesma – ocasionalmente, ao mesmo tempo.

164 Referências bibliográficas

- American Heritage Dictionary.** Boston: Houghton Mifflin, 1982.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities.** New York: Verso, 1991.
- BERGSON, Henri. **Matter and Memory.** New York: Zone, 1988.
- BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia.** New York: Basic, 2001.
- DAVIS, Fred. **Yearning for yesterday: a sociology of nostalgia.** New York: Free, 1979.
- EISENSTADT, S. N. Multiple modernities. **Daedalus**, v. 129, n. 1, p. 1-29, 2000.
- ERNST, Fritz. **Vom Heimweh.** Zurich: Fretz & Wasmuth, 1949.
- GAONKAR, Dilip P. (Ed.). **Alternative modernities.** Durham: Duke University Press, 2001.
- HERDER, Johann Gottfried von. Correspondence on Ossian. In: FELDMAN, Burton; RICHARDSON, Robert D. **The rise of modern mythology 1689-1860.** Bloomington: Indiana University Press, 1972, p. 229-230.

⁸ Vila Potemkin designa, em política como também em economia, qualquer construção, real ou ilusória, feita para enganar, para fazer parecer que uma situação é melhor do que de fato é. O termo vem das histórias sobre construções efêmeras de uma vila inteira erguidas por Grigory Potemkin ao longo do rio Dnieper na viagem de Catarina II à Crimeia, após sua anexação pela Rússia, no século XVIII; os cenários eram combinados e recombinados ao longo do rio à medida que a comitiva imperial passava de um ponto a outro em sua jornada fluvial para dar a impressão de que o espaço conquistado ao Império Otomano vinha sendo ocupado (NTs).

- HOBBSAWM, Eric. Introduction: Inventing Traditions. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Ed.) **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- HOFER, Johannes, Medical Dissertation on Nostalgia. **Bulletin of the Institute of the History of Medicine**, v. 2, 1934.
- KAMMEN, Michael. **Mystic chords of memory**: the transformation of tradition in American culture. New York: Knopf, 1991.
- MAIER, Charles S. The End of Longing? Notes toward a history of postwar German national longing. In: BRADY, John S.; CRAWFORD, Beverly; WILIARTY, Sarah Elise (Ed.) **The postwar transformation of Germany**: democracy, prosperity, and nationhood. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.
- McCANN, Willis H. Nostalgia: a descriptive and comparative study. **Journal of Genetic Psychology**, n. 62, p. 97-104, 1943.
- NABOKOV, Vladimir. On Time and its Texture. In: _____. **Strong opinions**. New York: Vintage, 1990.
- NORA, Pierre. Between memory and history: Les Lieux de Mémoire. **Representations**, n. 26, p. 7-24, 1989.
- PETERS, Roderick. Reflections on the origin and aim of nostalgia. **Journal of Analytic Psychology**, n. 30, p. 135-148, 1985.
- PHILLIPS, James. Distance, Absence and Nostalgia. In: IHDE, Don; SILVERMAN, Hugh (Ed.). **Descriptions**. Albany: State University of New York Press, 1985, p. 64-75.
- PROUST, Marcel Proust. **Swann's Way**. New York: Vintage International, 1989.
- ROSEN, George Rosen. Nostalgia: a forgotten psychological disorder. **Clio Medica**, v. 10, n. 1, p. 28-51, 1975.
- STAROBINSKI, Jean. The Idea of Nostalgia. **Diogenes**, n. 54, p. 81-103, 1966.
- STEWART, Susan. **On longing**: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1984.